



SUISSA — O PREBISCHTHOR.

Os VIAJANTES, que se propõem explorar com minuciosidade a Suíssa saxónica, fixam de ordinario residencia em Schandan. Subindo pela margem direita do Elba encontra-se uma serie de quebradas e penhascos das fórmulas mais variadas e singulares. Depois de se ter visitado o penedo chamado *Refugio dos croatas* (Kroatenschlucht) o valle do *Inferno* (Hælle), a caverna de Metze, o moinho dos *Pagãos* (Haidemil) a cascata Lichtenheim, o valle de Kirnitsch, e o formoso manancial de Mauzboru, procura-se naturalmente Kustall, que de todos os sitios pittorescos da Suíssa é talvez aquelle que mais frequentes vezes citam os viajeros curiosos. O Kustall, ou *Curral de vacas*, é uma lapa mui espaçosa, que tem de altura uns sessenta pés.

Além de Kustall encontram-se as grutas do *Alfaiate* e do *Cura*, d'onde uma parte dos habitantes de Lichtenheim, que eram sectarios de João Huss, despenharam, no seculo 15.^o, o seu cura. Em direcção do sudoeste, encontra-se um bosque de murtas,

que conduz ao valle do Prebischgrund. N'este sitio admira-se uma das maravilhas da Suíssa saxónica, que é o Prebischthor, arco de pedra de cêrca de 130 pés de altura, ao qual se sobe por um pendor suave; de cima gosa-se o maravilhoso espectáculo de uma paizagem surprehendente. Poucas vezes succede que os viajantes passem além do Prebischthor, e cheguem a Tetschen e Altadht, sobre tudo quando têm na mente percorrer toda aquella parte da Suíssa saxónica situada na margem esquerda do Elba. Na volta, e seguindo a estrada para Dresde, os pontos mais notaveis são a colossal montanha de Scheeberg, o Napoleonotein (*pedra de Napoleão*) celebre na Saxonia, porque o imperador, no anno de 1819, esteve sentado um momento n'aquella pedra; o Koenigstein (*pedra do rei*) coroada pela melhor fortaleza da Saxonia; a cascata de Lauglennersdort, na extremidade do valle de Zuvieset; as minas de prata, cobre e ferro, e finalmente o castello de Sonnenberg e a cidade de Pirna.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

DO ANTIGO ESPLENDOR DA CASA DE BRAGANÇA.

AS FESTAS DO CASAMENTO DE D. THEODOSIO II.

II.

Partida do duque D. Theodosio II para a ponte do Caia; recepção da duqueza; apparatus do prestito; obsequios no transito; celebração das nupcias; entrada triumphal em Villa Viçosa.

ÍAM mais quatorze reposteiros, que levavam calças de panno fino roxo agaloadas pelas bordas dos golpes, com entreforros de tafetá amarello, meias da mesma côr, sapatos brancos, jubões de hollanda com riscas das côres do uniforme, roupetas e capas de panno vintedeseno, cintos negros pespontados das mesmas côres, com ferragem dourada, chapéus pretos com tranças de setim e galões de côres, e plumas brancas, roxas e amarellas: dous capellães, que benziam a meza, com lobas, capas e barretes de raxa de Florença: dez moços da capella vestidos de panno vintedeseno: seis muzicos da camara com calções de veludo lavrado, meias e sapatos pretos, roupetas de raxa, capas de vintedeseno, chapéus pretos com véu: dous arautos e passavantes com calças de veludo lavrado, roupetas e gabões de panno fino, chapéus e cintos negros: seis porteiros da canna e dous varredores com vestuario inteiro de vintedeseno.

Além disto ía a guarda d'alabardeiros, muitos moços das cavalhariças, e noventa officiaes e creados dos irmãos do duque.

Na tarde d'esse mesmo dia 17 chegaram á quinta de Ubeda, proximo d'Elvas. Apearam-se os desposados á porta da ermida, que estava ricamente armada. Veiu recebê-los o arcebispo d'Evora, D. Alexandre, que ali os estava esperando, acompanhado do bispo de Nicomedia, do deão e capellães da capella ducal de Villa Viçosa, e das dignidades da Sé d'Evora. Seguiu-se então com toda a solemnidade a cerimonia das benções nupciaes e rectificação do consorcio, pois que já se tinham recebido por procuração em Badajoz.

Apenas acabou a função serviu-se um jantar, findo o qual poz-se em marcha o prestito. Não tencionava o duque passar pela cidade d'Elvas, mas viu-se obrigado a mudar de resolução pelas instancias, que lhe foram feitas. Dirigiu-se pois o cortejo para a cidade. A entrada dos duques foi verdadeiramente triumphal. Vieram recebê-los os magistrados e pessoas notaveis da cidade. Todas as janellas das ruas do transito estavam armadas. O concurso de povo era immenso. Varias danças e folias vieram saír-lhes ao encontro, acompanhando-os até alguma distancia da cidade.

A uma legoa d'Elvas merendaram, em quanto se fizeram as mudas nos coches, e seguindo jornada chegaram a Borba de noute. Entraram na villa por entres alas formadas pelas ordenanças, e foram acolhidos no meio de muzicas e danças com grande enthusiasmo. As alas estendiam-se de Borba até Villa Viçosa. As estradas estavam apinhadas de gente, que de todos os lados corriam a ver o luzido acompanhamento e saudar os duques.

Desde a madrugada do dia 17 começou a entrar em Villa Viçosa extraordinaria concurrencia de gente vinda de Hespanha e de diferentes terras do reino. O aposentador do duque, sentado em uma cadeira no meio do Terreiro do Paço, tendo diante de si uma meza coberta, dava bilhetes de aposentado-

ria aos que iam chegando, segundo a cathogoria de cada um, mandando-os acompanhar por criados até á habitação, que lhes era destinada. A todos quantos foram assistir a estas festas, fossem nobres ou plebeus, o duque hospedou e sustentou com a maior generosidade e bizarria.

Seriam dez horas da noute, quando o prestito entrou em Villa Viçosa, tendo antes tomado nova disposição para melhor ostentar as suas galas. Marchavam na frente os officiaes de justiça, depois as azemulas, que conduziam a bagagem, cobertas com reposteiros bordados (1). Seguiam-se os bésteiros e caçadores, oito chameleiros, oito trombetas, com bandeiras de damasco amarello e roxo com as armas ducaes bordadas, pendentes de cadéas de prata com as mesmas armas de relevo; tres trombetas bastardas; cinco atabaleiros; dous porteiros da canna; dous porteiros da maça com suas maças de prata ao hombro; dous arautos e passavantes com suas cotas d'armas; dous estribeiros; vinte e quatro moços da estribeira, levando os cavalloos d'estado; sete moços fidalgos; dez moços da camara da guarda roupa; o guarda roupa e moço das chaves; quatorze reposteiros; dez moços da capella; e seis muzicos da camara. Em seguida vinha o coche dos duques entre duas alas formadas por vinte e quatro moços da camara com tochas accesas. Depois a guarda dos alabardeiros, vinte e quatro coches e tres liteiras com os irmãos, tios, e officiaes mores do duque, e familia da duqueza; fechando o prestito alguns centenares de fidalgos a cavallo, que tinham ido acompanhar o duque á raia, ou se lhe haviam aggregado na sua volta.

A villa estava toda illuminada, e ornada com arcos triumphaes. Assim que o coche dos duques entrou no Terreiro do Paço deu tres salvas o castello, que estava brilhantemente empavezado com muitas bandeiras. As companhias de soldados, que guarneciam a villa, deram tambem tres descargas. A praça, apesar da sua grande vastidão, custava-lhe a conter em si as danças, multidão de povo, que ali affluíra, e que entusiasticamente victoriava a casa de Bragança.

Apenas subiram as escadas do paço foi logo o duque apresentar sua esposa á duqueza D. Catharina, sua mãe. Depois tomando todos tres logar sobre o estrado, debaixo do docel, deram as duas duquezas beijamão ás senhoras, tendo a noiva junto a si uma dama, que lhe ía nomeando as fidalgas á maneira que se aproximavam. Acabado o beijamão serviu-se uma lauta ceia em publico com todo o ceremonial e magnificencia usados em taes occasiões pelos nossos reis, de que adiante daremos uma breve noticia.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOZA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

AS CAMPANHAS em nome da Arcadia foram a imagem do cerco de Troya, sobrevivendo aos motivos

(1) Oitenta azemulas, que transportavam o enxoval da duqueza, e a bagagem dos da sua comitiva, já tinham entrado na villa.

da lucta. A indole irritavel dos poetas a cada passo tirava das cinzas de um combate a faísca d'onde nascia outro. A todos os momentos se pegava em armas; e o menor sorriso da musa jovial, era o signal ás vezes de uma batalha. A supremacia arrogante de Bocage, a impaciencia da sua emulação, e os applausos que solicitava, eram origem de conflictos, que depressa amotinavam os gremios rivaes nas duas Castalias. Cada bando tinha os seus athletas e apologistas; os auditorios e as palmas dividiam-se como as opiniões; e o elogio dos primeiros reputava-se uma offensa aos segundos. A paz e a justiça não entravam nunca nos inquietos arraiaes; nenhum dos contendores concedia que o engenho pudesse existir fóra do seu campo. Uma nuvem de verzejadores obscuros, correndo adiante do grosso das phalanges, entrelinha-se a queimar escorvas, e fugia depois ao estrondo dos proprios tiros. E estropiados chocarreiros todos queriam a medalha do torneio; e succedeu mais de uma vez, que em seu logar viesse a macha de armas de algum dos chefes, deixando-os cobertos de pó e contusões.

O que admira n'estas scenas é a constancia do pugilato. Os annos passavam debalde sobre os odios sem os gastar. Dos adversarios de Elmano houve tal, que nem perante o leito da dôr teve a generosidade de esquecer. Aconteceu peor. Quem lhe abriu os braços, e recebeu no coração os suspiros da agonia, apenas os ossos desapareceram debaixo da terra, desgrenhou os vilipendios contra a sua memoria, e não teve pejo de roer como verme os louros de um nome illustre. Esta será a nodoa eterna de José Agostinho. Poude mais n'aquelle animo vingativo e invejoso a lembrança das injurias, do que a religião do tumulo, e o respeito de si mesmo!

Manuel Maria, assumpto de louvores extaticos, e objecto de aversões activas, pagou a pena dos seus erros. Se medisse as armas pelas forças dos contendores, e não cegasse por amor proprio a sua bondade natural, gozaria em descango de uma gloria tranquilla, e o seu imperio estabelecer-se-ia pacificamente. A consciencia mesmo avisava os detractores, de que lhes faltava muito para o igualarem. O que os offendia e o que repugnava até aos indifferentes era o iniquo desprezo com que os deprimia, e a immodesta jactancia com que se arrogava o sceptro, sem esperar que lh'o entregassem. Desde que se tratava do talento alheio a sua balança não conhecia pesos; não se inclinava senão ao merito proprio; e as apreciações mordazes saltavam-lhe dos labios e da pena. Os mais altos e os mais humildes eram para elle plebe, que devia ajoelhar diante do seu throno, sem voto e sem estimação; o elogio a outrem representava-se-lhe um furto audaz á sua fama. Assim as bellas qualidades, que tanto o enobreciam pelos dotes da alma e do espirito, envenenavam-se com este defeito. Na republica litteraria não admittia igualdade nem competencia, queria só inferiores e aulicos; e para desdobrar o agoute não era preciso ser agredido, bastava que distinguissem a qualquer poeta, ou que o não incensassem assás a elle. O innocente auctor do Almocreve das Petas padeceu por não embocar a trombeta apologetica, em quanto, sincero e agradecido, elogiava em Belchior Semedo as obras, que a posteridade e Bocage mesmo julgaram dignas de elogio.

Sé houve pessoa inoffensiva e desaffectedada foi José Daniel Rodrigues da Costa, official do fisco nas portas de Belem, e por este emprego jocosamente denominado beleguim do Parnazo por Manuel Maria. Não cuidava de rivalidades, nem formava de si idéa vaidosa. Escrevia para subsistir, ou antes para accres-

centar alguns confortos á estreita mediania dos seus salarios. Não era nuvem portanto que apagasse os raios ao sol a Bocage, ou sombra que puzesse escuro na sua aura. Assim mesmo pede a verdade que se diga que não foi tão pobre de engenho, nem tão despido de letras, como a maledicencia de Elmano o pinta em alguns sonetos. Os seus escriptos, plebeus na indole e na substancia, tinham sal bastante para o paladar dos leitores, a quem se destinavam. Sainetes do povo, que se ria e divertia com elles, não aspiravam ás alturas d'onde os vates cabalinos, escarnecendo, os convertiam em palito dos seus ocios engraçados. José Daniel narrava com graça, possuia o dom da invenção rude, mas picante; e como observador de costumes não pôde omittir-se no estudo da epocha a que pertence. Não leva a critica á analyse profunda dos caracteres e das cousas, nem sobe á synthese philosophica, pedra de toque dos moralistas insignes; mas á superficie via bem; sendo feliz muitas occasiões em apanhar os angulos do ridiculo, com traços largos e côres alegres. O gosto pouco o ajudava; a lima castigava mal as obras concebidas e executadas a correr; e a sua lição não excedia a instrucção commum, condemnando-se por isso a não passar da mediocridade. A satyra popular era o seu queijo; e como o rato da fabula uma vez que lhe não faltasse, olhava para todos os desvanecimentos e pompas do mundo com soberana indifferença. Cedeu sempre a gloria á beneficio de inventario!

Com os bolsos attestados de folhetos, e precedido por estrepitosos pregões de cegos, saía pelas ruas a prender os compradores. As pessoas conhecidas, se o descobriam, vendo o bojo significativo das insondaveis algibeiras, resignavam-se a comprar o foliculo de prosa, ou a pagina de verso que lhes punha aos peitos. Figura unica, o auctor da Barca da Carreira dos Tolos, achava natural o que lhe era util; e tanto duvidava fazer-se belfurinho dos seus opusculos, como enfeitar de mais duas ou tres filas de garrafas escolhidas as estantes ermas de livros aonde tinha a sua adega. Compadre de toda a gente, folgasão sem melindres, e dotado de bom fundo, as petas e a caixa do rapé estavam ao dispor de quem desejasse, como elle dizia, deitar as cãs ao mar. Curvo Semedo gostava de o ouvir, corregia-lhe os escriptos, e tratava-o com franqueza. José Daniel da sua parte correspondia com amizade e dedicação. Offender-se pois que o bom homem estimasse o censor obsequioso, e deplorasse as injustiças de Bocage contra o talento de Belchior era exagerar de mais a intolerancia. Algumas palavras n'este sentido do gazeteiro das petas foram sufficientes comtudo para Manuel Maria desencadear contra elle a animadversão; e para o pobre official das portas d'ahi em diante a cada publicação nova estavam certas as apupadas de Elmano, e as dos seus admiradores. Menos sensivel aos farpões do ridiculo, do que molestado no interesse pecuniario, o Juvenal do povo via diminuir os lucros á medida que augmentavam as gargalhadas. Segurando-o pelos cabellos no momento, em que ensarilhava pelas ruas e esquinas, carregado de papel impresso, Bocage implacavel tinha-se apoderado do titulo do ultimo escripto, o Almocreve das Petas, e crucificára sobre elle em um soneto o tecelão de casos fortuitos, e de quadras chilras, como lhe chamava. Com este buscapé de hilaridade na cauda, a obra e o auctor serviram de pasto á malicia da côrte uma semana.

Das Petas o Almocreve é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto:

Adiga tres de abril, ou seis de agosto,
É de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perúa,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto
Inda que de artificio e graça núa.

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cedo se espera um parto novo.

E não só a penna, mas a lingua, era incansavel em denegrir o amigo de Curvo Semedo; em o encontrando choviam os gracejos; e por fim as cousas chegaram a ponto, que José Daniel, trespassado e temendo ficar sem leitores, se não abrandasse o perseguidor, quebrou por tudo e veiu deitar-se-lhe aos pés. D. Gastão narrou o lance ao sr. Castilho com a costumada graça, sustentando as feições dos personagens e a côr do dialogo. Manuel Maria é quem descreveu a scena ao seu amigo, e este referia o que ouviu da sua bôca. «Sabes quem acaba de procurar-me? (disse Elmano) O homem das petas. Vinha todo concho e modesto, pondo-me nas nuvens... até que o estrugi, quando me gaguejou: — Cá eu não posso medir-me com v. m. ce — «Mas é que eu também não sou nenhum covado!» — É que a sua concurrencia... (insistiu elle)» — Não trago contrato arrematado.» — Pois traga, ou não, (acudiu o homem quasi a chorar) pelo amor de Deus, não me tome á sua conta, que eu não quero glorias, quero pão. — «Tive dó do homem, tive, (ajuntava Bocage) mas lá os taes versos d'elle sempre digo que lh'os não comprem.» — Logo depois, apezar da comiserção promettida e da humildade da victima, acabando de contar o acontecido, e saíndo do café para o Passeio, ao virar a esquina do Rocio, salta-lhe aos olhos um cartaz, que em elogios retumbantes annunciava o segundo tomo das rimas de José Daniel. Sorrir-se, parar, e sem esforço, como se lêsse o papel pregado na parede, recitar de repente um soneto, foi tudo a mesma cousa. Daremos alguns dos versos:

Tomo segundo á luz saíu das rimas
De José Daniel Rodrigues Costa,
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doudas limas.

.....

Por estas e por outras, que tem feito,
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito.

Acham-se em tendas, acham-se em com...
E para lhes augmentar honra e proveito
As vende o proprio auctor por essas ruas!

Eis a benevolencia com que o escutou! Era a chaga incuravel de Bocage. Descia por ciume, aonde, baixando, devia conhecer que se aviltava. D'este achaque nada o curou senão o desengano da ultima enfermidade.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



ARTHUR NAPOLEÃO.

ARTHUR Napoleão, o admiravel piannista portuguez de nove annos, que enche já a Europa do seu nome, nasceu no Porto a 6 de setembro de 1844. Tinha apenas tres annos de idade quando começou de manifestar grande propensão para a muzica. Seu pae, artista distincto também, ensinou-lhe os primeiros rudimentos d'esta arte divina. Completos apenas os cinco annos fez as suas primeiras provas na sociedade philharmonica do Porto. Pouco depois trouxe-o seu pae a Lisboa; e todos sabem o modo porque aqui foi recebido, e o juizo que os entendedores e a imprensa periodica formavam d'esta creança verdadeiramente prod'giosa. Em 1852 esteve em Paris, onde foi objecto do mais entusiastico acolhimento. O successo do joven Arthur foi commemorado, nos termos mais lisongeiros, em um artigo publicado, no Jornal dos Debates, pelo insigne mestre H. Berlioz.

Em Londres, onde actualmente se acha, não foi menos profunda a impressão causada pelo seu extraordinario talento. A Illustração ingleza qualificou-o como uma das maravilhas da presente estação muzical.

O joven Arthur é de debil constituição; mas a sua physionomia insinuante revela superior intelligencia.

Diz um critico francez, que Arthur Napoleão recebêra do céu os segredos da sciencia muzical, porque os seus poucos annos não lhe permittiram de certo aprendêl-os.

Sentado ao pianno é um *maestro*; o instrumento parece obedecer ao toque magico dos seus pequeninos dedos. A sua execução é natural e artistica. Vence as maiores difficuldades sem esforço; e interpreta os grandes mestres, não só com irreprehensivel correcção, mas também com surprehendente delica-

deza e força de sentimento. É um genio, que Deus creou fadado para a gloria!

O retracto, que temos o gosto de offerecer aos nossos subscriptores, foi gravado sobre o que publicou a Illustração ingleza, que tece ao joven piannista portuguez os mais altos elogios.

Arthur Napoleão é socio de merito das duas sociedades philarmonicas de Lisboa e do Porto; e assim em Paris, como em Londres, tem recebido as mais inequivocas provas de distincta consideração e apreço.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

As credenciaes.

I.

Que te vás, e que não venhas,
Cavalleiro de más manhas!

Desertor,
Malfetor,
Roubador

Do pobre bobo innocente,

Que não mente.
Bau, bau, bau!
Venha um pau,

Para ser bem amolado

No costadô
D'esse cão.
Elle é conde,
O toleirão

Que ahí vae?

Lurú-lu,
Lará-la,
Ah, ah, ah!

Atirae

Um virote,

Que de sangue tire um pote

A' cachola
Do mariola.

Lurú-lu,
Lará-la,
Ah, ah, ah!

Dão, dão, dão!

Dobre o sino

Pela morte

Do mofino,

E assassino

Hermenegildo.

Lurú-lu,

Lará-la,

Ah, ah, ah!

A ESTA cantarola, e a um tinir de guizos, os dous condes, que iam saíndo dos paços de Carrion, olharam e viram um anão disforme e vesgo. Cobria-lhe a cabeça uma gorra cerzida de orelhas de burro, vestia gibão de mil côres, trazia saio orlado de guizos, calçava botinas de pelle de camello, pendia-lhe á cinta uma espada de pau, e ostentava na mão uma palheta e um adufe. Era Bermudes, o bobo valido de Ramiro, que o conde Hermenegildo, ao saír de Leão, tinha arrebatado furtivamente a el-rei.

— «Oh! és tu, Bermudes!»

— «E tu és o conde Hermenegildo? Estás tão pallido, que pareces um finado! Ah! ah! ah!»

— «O maldito bobo!» disse o conde, encolhendo os hombros para o conde Alvar.

Cavalgaram então nos corceis da batalha, cada um na frente da sua turma de quarenta cavalleiros.

— «Que caminho seguís, conde Alvar?»

— «O de Sahagun. O vosso cuidado será para Avila: não tendes outro.»

— «Não, conde Alvar. Eu tomarei pela estrada de Sahagun. Hermogio não póde ainda saber do nosso levantamento, e caminhará provavelmente por esta estrada. Não posso ceder-vos a preza.»

— «Mas...»

— «Não cedo. Bem vedes que o meu lanço foram senas.»

— «Não insisto: os dados favoreceram-vos: toca-vos a escolha do caminho. Adeos.»

Partiram.

Acontece-nos muita vez que empenhados em uma empreza de importancia, quando chegámos ao momento supremo de a consummar, o vivo ardor, que até ahí experimentavamos, se nos torna em melancholia, sem que logremos explicar a nossa mudança de sentimento. Esta disposição de espirito crescia no conde Hermenegildo á medida que se adiantava na marcha. Tinha é verdade deitado esculcas para diferentes ramaes da estrada de Sahagun, perguntava aos viandantes se haviam encontrado algum troço de cavalleiros vindos das bandas de Leão, media com os olhos o horisonte que a vista podia abranger. Mas eram estes como actos machinaes do dever: o primeiro entusiasmo da empreza tinha-se-lhe desvanecido.

Porque?

Este *porque* era um mysterio ignorado do proprio conde. Só o sabia AQUELLE, que vê como se foram reflectidos n'um espelho os arcanos mais intimos do coração.

Chegava já a cavalgada a meia milha de Sahagun. Ao subir um pequeno outeiro, que tolhia a vista das campinas, estendidas para o lado do oriente, ouviram-se os esculcas, que, voltando, gritavam de longe: «*Hermogio!*»

Os cavalleiros de Carrion firmaram-se nas sellas. O conde dep-lhes voz de alto. Esporeando o ginete para o cimo do tezo, d'ali avistou, ainda distante, a gente do mensageiro leonez. D'ella se tinham destacado alguns cavalleiros, que vinham cerrando de perto os esculcas.

Avançou então para a planicie a turma do conde Hermenegildo, e largou a toda a brida sobre os inimigos. A vanguarda d'estes voltou precipitadamente de redea solta, recolhendo-se ao seu corpo. Os cavalleiros do conde galopavam sempre; mas em chegando a cincoenta passos do bando contrario, pararam. O conde adiantando-se para este, gritou-lhe, brandindo a espada:

— «Rendei-vos.»

— «A quem?» perguntou, com gesto desdenhoso, um cavalleiro inimigo, que saiu ao encontro do conde.

— «A mim,» respondeu o conde Hermenegildo, levantando a vizeira.

— «A vós!» replicou, descobrindo tambem a vizeira o audaz Hermogio, «a vós não; a forças dobradas das minhas.»

Os soldados do conde estremeceram de colera, e soltaram algumas juras.

Hermogio continuou: «Se sois cavalleiro, accietae-me um combate singular. Se o não sois...»

— «Acceito,» lhe tornou o conde, sem o deixar

acabar a phrase, que dava mostras de rematar com uma injuria.

— «Aqui está o meu guante direito,» disse Hermogio, descalçando a luva de ferro, e caminhando para o conde.

— «É o meu.»

Trocaram então os dous guantes. Hermogio virou de redea, e retrocedeu cento e sessenta passos sobre a linha recta que mediava entre os dous bandos. O conde, recommendando em voz baixa ao seu tenente Dulcideo, que não deixasse mover do posto a nenhum dos cavalleiros de Hermogio, calou a vizeira, enristou a lança, e metteu o ginete a galope. Quasi no ponto de encontrar-se com o seu contrario, o cavallo d'este tropeçou em uma cova, e caíu. Ouviam-se já os clamores de victoria, e as risadas do bando de Hermenegildo, quando este, apeando-se, ajudou a levantar Hermogio, um tanto atordoado da queda.

A este acto de generosidade cavalleirosa soltaram murmúrios desapprovadores os cavalleiros do conde, em quanto no bando opposto rompia um certo susurro de alegria e esperanza, porque era grande a que punham os leonezes no valor e destreza do seu capitão.

O conde ao dar a mão a Hermogio, disse-lhe:

— «Sejamos amigos, Hermogio. Abraçae a nossa causa, que é a da patria. Entregae-me as cartas que levaeis para o califa.»

— «Isso nunca, conde. Podieis vencer-me pela superioridade numerica das forças que capitaneaeis: não quizestes. Podieis ha um instante calcar-me aos pés do vosso corcel: não quizestes. Por seducção não me vencereis.»

— «Não resta então nenhum meio de vos obrigar senão as armas?»

— «Nenhum.»

— «As armas pois, e Deus seja o nosso juiz.»

— «Deus seja o nosso juiz.»

Fitaram se momentaneamente um ao outro como duas feras antes de começarem o seu combate de morte. Ao primeiro encontro as lanças voaram em rachas; arrancaram as espadas, e accometteram-se de novo com um furor entranhavel. O som metalico dos golpes aparados nos escudos retinia sem cessar até que os escudos falsaram. Os pagens apresentaram então outros aos campeadores: ambos elles recusaram. Recrescendo o seu ardor ao verem-se privados d'esta arma defensiva, desfecharam um contra o outro uma serie de botes que foram varridos com a mesma presteza com que eram vibrados. Combatiam assim havia um quarto de hora, sem se poderem ferir, quando o conde entrou a recuar; limitava-se a apatar os revézes, e fingindo ceder, espiava, de feito, occasião de aproveitar-se de algum descuido do seu contendor para jogar-lhe um lanço decisivo e mortal.

Este estratagemas, que surtira effeito com inimigo menos dextro e previsto, foi baldado com Hermogio. Hermogio seguiu lentamente ao conde que recuava; abrandou os taihos; e manejou a espada de sorte que nunca se descobriu. Vendo que o conde perseverava na mesma traça, o astuto leonez, seguindo-o sempre, gritou-lhe com voz e gesto insolente:

— «Recede-te, covarde!»

Os olhos do conde scentelharam fogo.

— «Villão!» E com esta injuria descarregou sobre a cabeça de Hermogio uma tremenda espadeirada. O golpe era formidavel, mas encontrou um elmo de tempera tão fina que o não pode passar. Hermogio retrocedeu alguns passos, e chegou a abraçar-se com o pescoço do cavallo. Era um ardil. En-

ganado por elle, precipitou-se o conde sobre o seu adversario com a espada levantada. Mas quando ia a vibrar-lhe segundo golpe o leonez, voltando o ginete, furtou-lhe o corpo, e correu sobre o peito do antagonista, que ficára descoberto, uma estocada tão violenta, que, rompendo a couraça, atravessou-lhe o coração.

— «Victoria!» bradaram os cavalleiros de Hermogio, vendo cair o chefe inimigo.

— «Vingança!» bradaram os homens de armas do conde Hermenegildo, que expirava.

E os dous bandos, abaixando as lanças, e espo-reando os ginetes travaram-se em sanguinolenta batalha.

Hermogio abraçou rapidamente um novo escudo; olhou com um sorriso de complacencia para a espada fumegante em sangue; hesitou um momento se havia de fugir ou retrahir-se ao seu bando. Mas Dulcideo, acompanhado de seis cavalleiros, estava já ao pé d'elle, e não lhe deu tempo a escolher.

— «Morre, traidor!» exclamou o tenente de Hermenegildo, atacando-o com incrível furor.

— «Mata, mata o assassino!» exclamaram os outros cavalleiros, accommettendo-o por todos os lados.

Com extraordinaria ligeireza e sangue-frio, Hermogio, arremessando a espada e o escudo, empunhou a maça de armas, que trazia preza ao arção da sella, e desembaraçou-se dos aggressores dando volta ao ginete, e fazendo girar em volta de si a formidavel clava.

Esta arma, manejada com extrema agilidade, descrevia um circulo continuo de rotação, que resguardava completamente a Hermogio dos golpes dos seus adversarios. Era um modo de defesa efficaz sómente em quanto os sete cavalleiros aggredivam pela frente. Mas tendo tres d'elles passado para a retaguarda de Hermogio, o guerreiro leonez correra risco de vida, se não fôra tão extremada a sua pericia e valor. Obrigou o ginete a dar um prodigioso salto sobre a direita, virou de redea, e avançou immediatamente em diagonal, já na retaguarda dos tres cavalleiros. Todos estes movimentos foram executados tão de relance, que não deram tempo a prevenirem-se os inimigos, e a pezada clava de Hermogio desceu sobre o elmo e esmigalhou o craneo a dous d'entre elles antes que os outros os pudessem soccorrer.

Aproveitando-se do assombro que incutira nos contrarios este feito de audacia, afastou-se a passo cheio, meneando sempre a maça de armas com a mão direita, e com a esquerda levou á bôca a bosina que lhe pendia a tiracollo. Aos sons, que d'ella tirou, uma parte dos seus cavalleiros, a quem o ardor do combate não impediu de ouvir o toque, desamparando a batalha, correram a reunir-se-lhe, e com Hermogio na frente puzeram-se todos em retirada. Seguiram-nos os mais que puderam esquivar-se á peleja, ou cujas feridas não eram tão graves, que lhes embargassem a fuga.

No encalço dos fugitivos partiu logo uma grande parte do bando do conde Hermenegildo. Dulcideo corria tambem á redea solta já na vanguarda da sua tropa. A ancia de alcançar a Hermogio tinha-se tão fortemente apoderado de todo o bando do conde Hermenegildo, que o proprio pagem do defunto, esquecendo o dever sagrado que lhe era imposto de estar de guarda ao cadaver do seu senhor, e lembrado só da vingança, cavalgou no ginete do conde, e partiu a todo o galope.

N'esta corrida, rapida e vertiginosa, de ambos os tropeis, iam caindo mortos ou feridos alguns cavalleiros e cavallos, que as lanças dos acossadores po-

diam alcançar. Mas Hermogio, causa principal d'este açodamento, vencia-lhes uma dianteira, que dava aos que o perseguiram pouca esperança de o poder apauhar. O corcel d'este caudilho era veloz como a setta. Sem embargo d'isso os acicates do fugitivo embebiam-se a meude no sangue do nobre animal, que não carecia de tal estímulo, e que, na rapidez com que galopava, parecia saltar-lhe a terra. Cavalleiro e cavallo pareciam duas naturezas consubstanciadas, como se os agitassem a ambos as mesmas impressões, ou como se os movesse o mesmo pensamento.

Repentinamente toparam os fugitivos com um obstaculo inopinado. Era uma valla, larga e profunda, engrossada das aguas de uma ribeira visinha, affluente do Ceia, e inundada pelas chuvas copiosas que n'aquelle mez tinham caído. Tornear a valla fôra-lhes funesto: perderiam a vantagem da distancia, ainda que curta, que mediava entre elles e os cavalleiros de Dulcidio, e estes os colheriam. Vadeal-a fôra expor-se a morte quasi inevitavel, que, além de outros perigos, havia ali estrepes e abrolhos plantados de proposito para estorvar a passagem; traça de guerra, usual n'aquellas eras. O ardiloso Hermogio, conhecedor do terreno, encaminhára para ali a sua carreira, fiado na ligeireza do ginete, e na impossibilidade que encontrariam os inimigos em transpor a valla. Sacrificava assim os seus parciaes; mas salvava-se a si, e ao autographo das propostas de Ramiro a Abd-el-Rhaman.

Os fugitivos pararam.

Hesitando por instantes, olharam para a valla; depois para o espaço de terra que era preciso vencer para rodeal-a; depois para o bando de Dulcidio, que se aproximava cada vez mais. « Carrion! » gritou uma voz. Era o inimigo que chegava n'esse momento, bradando a rendição aos fugitivos.

Nenhum se rendeu. Heroicos na desesperança precipitaram-se todos na valla. Espetaram-se uns nos estrepes, e tingiram de sangue as aguas turvas do pantano. Afogaram-se outros. As rãs timoratas cessaram de coaxar na sua morada paludosa. E as interjeições de agonia, ou as maldições de desesperação, que soltavam os feridos e os moribundos, foram o horrivel hymno funereo d'estas victimas da fatalidade.

Houve apenas dous leonezes, que conseguiram surgir á outra banda.

Que era feito de Hermogio?

O rapido corcel d'este chefe tinha, d'um pulo, salvado a valla para o outro lado, e proseguia despeadamente na sua carreira incansavel, desenfreada, frenetica.

Vendo que lhe escapava a melhor preza d'aquelle dia, que lhe fugia o ensejo de ensopar a espada no sangue do assassino de seu capitão, que ficava por vingar a morte do valente e leal conde Hermenegildo, Dulcidio chorava de raiva e dor. Toda a cavallaria inimiga, excepto os dous soldados, que tinham logrado transpor a valla, era morta ou mal ferida. Mas Hermogio desaparecêra. O documento da traição de Ramiro desaparecêra com elle. As cabeças dos conjurados de Carrion de los Condes ficavam sendo problemas para entregar á resolução do algoz. Nem sequer um serviço estrondoso brotava da catastrophe do conde Hermenegildo, que a illustrasse.

— « Escapar-me o assassino do nosso infeliz senhor! » exclamava pela terceira ou quarta vez o inconsolavel Dulcidio, quando um dos cavalleiros lhe advertiu, que tinha visto Adosindo galgar a valla logo apoz Hermogio.

— « Adosindo! Estás bem certo que era elle? »

— « Elle mesmo, o pagem do conde. Por signal

que cavalgava no ginete de sua honra, » respondeu o soldado, rebentando-lhe as lagrimas.

— « E ninguem ficaria de vigia ao corpo do defunto? » perguntou Dulcidio.

— « Provavelmente ninguem. »

— « Valha-me Deus! Que seis cavalleiros vão guardar o cadaver do nosso bemfeitor. »

— « E tu reparaste bem, » continuou Dulcidio para o soldado, « se o cavallo em que Adosindo montava era o do conde Hermenegildo? Tu conhecial-o bem? Vinha arnezado ao estylo de sua honra? »

— « Elle mesmo em carne e osso e armadura o cavallo arabe, que o nosso conde trouxe da batalha de Osma, ligeiro que nem um gamo da serra. . . »

— « Então não ha duvida, pôde ter alcançado a Hermogio. Mas, pobre Adosindo! Permitta o céu que o teu fado não seja tão desastroso como o do nosso infeliz senhor. Vamos ver o que é feito do pagem. Que doze cavalleiros me acompanhem, e o martyr S. Eulogio abençoe esta derradeira tentativa que imos provar. »

E Dulcidio partiu com os doze cavalleiros, rodeando primeiro a valla, e depois seguindo a trilha de Hermogio.

No seculo, em que vivemos, seria reputado um acto de loucura indesculpavel o proceder generoso do conde Hermenegildo, que, podendo desempenhar sem risco nenhum a importante incumbencia de que ía encarregado, aventurou a sua pessoa e a sua commissão ao acaso d'um duello. Na idade de ouro da cavallaria aquelle rasgo era heroico. A nossa epocha, que tem ganho tanto em logica e astucia, tem perdido muito mais em nobreza e desinteresse, virtudes proprias d'aquelle tempo, mas hoje refugiadas nos corações femininos. O bello ideal da nossa natureza sentem-no e apreciam-no as minhas amaveis leitoras. Não é para ellas que escrevo estas linhas em fórma de commento á imprudencia, aliás heroismo, do conde Hermenegildo.

Não havia ainda uma hora, que Dulcidio galopava, quando avistou ao longe um cavalleiro que corria á redea solta, perseguido, ao que parecia pela desfilada do ginete, de outros dous cavalleiros.

Aproximou-se mais. Era Adosindo. Os cavalleiros, que o seguiam, apenas deram tino de Dulcidio, retrocederam fugindo a todo o galope.

Adosindo trazia na mão um rolo de pergaminho.

— « Alviçaras! » foi a primeira palavra do pagem, apenas chegou ao pé de Dulcidio; e proseguiu logo sem dar tempo a interrupções:

— « Alcancei Hermogio. Ergueu para mim a clava. Esquivei-a. Arrojei-lhe a tempo um dardo braceiro, e em tão boa hora que o ferro abriu caminho n'aquelle peito desleal. Hermogio curvou-se sobre o collo do cavallo, abraçando-se com elle. O corcel espavorido correu, alongando-se de mim. Mas em breve o traidor perdeu o alento que lhe restava: soltou-se do pescoco do animal, e caiu ficando-lhe um pé suspenso no estribo. O ginete parou. Cheguei-me ao leonez:

— « As credenciaes? » perguntei-lhe eu. Ficou mudo.

— « As credenciaes? » tornei a gritar-lhe, apoiando-lhe sobre a garganta a ponta da minha espada.

— « Estão n'essa moita á vossa direita, » respondeu-me elle com voz desfallecida; « não me mateis: peza-me na consciencia um segredo importante, que só poderei revelar ao bispo Theodosindo. »

— « Apeei-me; cheguei á moita; apanhei o pergaminho; e voltava já, mais disposto a acabar com Hermogio do que a fiar-me na sua pretendida revelação, quando descubro dous cavalleiros, que vi-

nham correndo. Conheci-os: eram do sequito de Hermogio. Conheceram-me. Correram direitos a mim. Duvidei se me travaria ou não com elles. Mas em fim tive por melhor evitar uma briga desigual e desnecessaria. Eram aquelles que ainda agora me seguiam, e se afastaram," disse o pagem, lançando a vista para a estrada, "provavelmente porque descobriram os nossos."

— "Abençoado seja o braço que despediu tal golpe! Briosos mancebo!" exclamou Dulcidio com entusiasmo para o pagem; "pertence-vos a gloria d'esta empreza. Vou premiar o vosso valor... Cavalleiros, aprumae as lanças!"

Os cavalleiros ergueram as lanças. Os clarins tocaram uma aria marcial. Adosindo a um aceno de Dulcidio avançou para a frente; e Dulcidio, dando com a prancha da espada tres toques nas costas do pagem, clamou com som vibrado:

— "Pagem, eu te confiro o gráu da cavallaria."

— "Amen!" bradaram unisonos os outros cavalleiros.

— "Venerarei sempre a mão," disse então o novo cavalleiro, inclinando se até tocar com a ponta do elmo na sella do ginete, "que me allivia, cobrindo-o de louros, o luto que devo trajar pelo desastre d'este dia. Mas queira o céu, que, ao menos, o sangue hoje derramado seja o precursor do resgate da Hespanha."

— "Senhor cavalleiro," disse Dulcidio para Adosindo; "vamos pôr o fecho á vossa obra."

Partiram então para o sitio, onde tinha ficado Hermogio. Quando lá chegaram, encontraram-no já morto. Conservava a mesma ferocidade de aspecto, que sempre mostrara em vida. A clava tinha-a estendida ao pé de si, escorrendo em sangue que lhe golfara da ferida, e ainda empunhava o dardo braçeiro com geito de quem forcejára pelo arrancar.

— "Ah! senhor cavalleiro," disse Dulcidio a Adosindo, apontando para o dardo; "aquelle é o trophéu do pagem, e o vingador da affronta commum."

O cavalleiro novel despojou então o cadaver da clava, das armas e das vestes militares, que logo ali cingiu. Mas não pode appropriar-se do primoroso ginete, porque já tinha desaparecido.

Congregado todo o bando, abalaram logo para Carrion de los Condes. Quem os visse marchar duvidaria se aquillo era uma ovação ou um funeral, porque no meio do grupo ia, conduzido em feretro de lanças, o cadaver do conde Hermenegildo.

O sol de junho aproximava-se já do occaso. N'aquellas vastas planicies, por onde o pequeno esquadrão caminhava, (hoje monotonas e desornadas de vegetação, então sombreadas, aqui e ali, de arvoredos) os raios do astro do dia interceptados nos ramos accidentavam-se em cambiantes de luz e côr, e matizavam de seus reflexos fugitivos as figuras dos guerreiros que passavam. No semblante d'aquelles homens alternava-se a impressão da fadiga com as commoções, ainda vivas, da batalha, abatidos pela morte do seu chefe, e orgulhosos pela victoria. O alvoroço e a esperança embalavam a alma de Adosindo. Doces illusões de mancebo; sonhos, já meio realisados, de engrandecimento e gloria, ou talvez sonhos de esperança que lhe esvoaçavam nas fórmulas seductoras de um collo de cysne, um seio de neve, uns bellos olhos pretos, que o haviam de saudar, uns labios virginaes, que lhe haviam de sorrir com mais certas promessas de felicidade.

A noute vinha descendo com languidez amorosa; os campos exhalavam os seus perfumes n'aquella hora crepuscular; e os cavalleiros foram sua marcha até chegarem aos paços de Carrion de los Condes.

Dulcidio, ao entrar na sala de armas, onde conferenciavam os conjurados, fez-lhes assim o seu relatório: — "Senhores! cumpriram-se os vossos mandados. Mas a victoria obtive-a a preço de lagrimas. Trago-vos um conde de menos" — e apontou para umas andas de lanças que sustinham os despojos mortaes do conde Hermenegildo — "e um cavalleiro de mais" — e apontou para Adosindo que segurava na mão as credenciaes interceptadas.

— "Ah, ah, ah!" Eram as gargalhadas de Bermudes estrondeando pelo palacio.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

BIBLIOGRAPHIA.

Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborense, ordenado pelo bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Lisboa, na Imprensa Nacional. 1850.

A BIBLIOTHECA publica eborense passava geralmente por ser uma das mais ricas do reino em manuscriptos relativos ás nossas cousas. Felizmente o nosso illustre collaborador, o sr. Rivara, cujo insuspeito elógio são os seus curiosos trabalhos archeologicos, historicos e litterarios, registados nas publicações periodicas portuguezas de mais vulto, veio mostrar com este catalogo (impresso por ordem do governo de sua magestade, de 31 de dezembro de 1844, concluido em 1850, mas que só ha poucos mezes é do dominio do publico) que a opinião que se formára da bibliotheca eborense não era exagerada, e que n'este importante deposito litterario se encerravam de feito muitos escriptos raros e preciosos, que augmentam de valor todos os dias pelo desenvolvimento incontestavel, que têm tido entre nós os estudos historicos, aos quaes alguns dos codices eborenses pôdem prestar valiosissimo subsidio.

O livro do sr. Rivara não é porém uma simples relação de volumes e papeis com as designações de estantes, armarios etc.; mas sim, como aliás devia esperar-se da intelligencia e consciencia do coordenador, um verdadeiro catalogo, redigido com muita clareza e methodo, acompanhado de bastantes notas e observações bibliographicas e criticas, e seguido de abundantes indices. A parte publicada comprehende a noticia dos codices e papeis relativos ás cousas da America, Africa e Asia, formando um volume de 464 paginas de folio, impresso com muita nitidez (1).

— O fanatismo religioso é tão contrario ao espirito da verdadeira religião, como o fanatismo politico é contrario ao espirito da verdadeira politica.

— Não se deve humilhar ninguém. Se o fizessimos por orgulho, commetteriamos uma baixeza: se com o fim de se emendarem defeitos, comprometteriamos o amor proprio em lugar de o advertir, e tiraríamos toda a força á correcção.

BASTOS — PENSAMENTOS.

(1) Vende-se esta obra em Lisboa na livraria do editor do Panorama, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, nas provincias, ultramar, e imperio do Brazil em casa dos correspondentes do mesmo semanario. Preço 1 \$ 920 reis.